

Eu sobrevivi, posso contar: narrativas de mulheres piauienses sobreviventes do feminicídio

I survived, I can tell: narratives of Piauí
women survivors of femicide

Estelyta Hanna Guedes Rodrigues Morais¹
estelytahannag@hotmail.com

Cirlene Aparecida Hilário da Silva Oliveira²
cirleneoliveira@terra.com.br

Resumo

Neste artigo, objetivamos apresentar algumas reflexões sobre as narrativas de três mulheres que sobreviveram a situações extremas da violência de gênero no Piauí. No ano de 2021, iniciamos um estudo sobre as tentativas de feminicídio no estado, utilizando o método Narrativas de Vida, de Daniel Bertaux, como procedimento e os conceitos de gênero, patriarcado, violência de gênero e feminicídio como orientação. Os resultados apontaram que o Piauí ainda está imerso em uma cultura machista e patriarcal, que outorga poder irrestrito aos homens, para atuar sobre o comportamento, corpo e vida das mulheres. As tentativas de feminicídio, investigadas no estudo, decorreram das relações patriarcais de opressão e hierarquia que naturalizam o comportamento de dominação/exploração das mulheres pelos homens e que permitem o ataque às suas integridades físicas e mentais. Nos casos analisados, as diversas e contínuas violências perpetradas pelos ex-parceiros íntimos, resultaram nas tentativas de assassinato, que aconteceram tanto em espaços privados como públicos. Esperamos que a publicização das narrativas possa contribuir para um conhecimento mais realista acerca do feminicídio no estado e para o debate em torno de políticas públicas de prevenção e reparação mais efetivas.

Palavras-chave: mulheres; tentativas; feminicídio; violência de gênero; Piauí

Abstract

In this article, we aim to present some reflections on the narratives of four women who survived extreme situations of gender violence in Piauí. In 2021, we began a study on attempts at femicide in the state, using Daniel Bertaux's Narrativas de Vida method as a procedure and the concepts of gender, patriarchy, gender violence and femicide as a guideline. The results showed that Piauí is still immersed in a macho and patriarchal culture, which grants unrestricted power to men to act on the behavior, body and life of women. Attempts at femicide, investigated in the study, resulted from patriarchal relations of oppression and hierarchy that naturalize the behavior of domination/exploitation of women by men and that allow attacks on their physical and mental integrity. In the analyzed cases, the diverse and continuous violence perpetrated by the former intimate partners, resulted in assassination attempts, which took place both in private and public spaces. We hope that the publication of the narratives can contribute to a more realistic understanding of femicide in the state and to the debate around more effective public policies for prevention and reparation.

Keywords: women; attempts; femicide; gender violence; Piauí

1 Doutoranda em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação da UFPI - Universidade Federal do Piauí. Mestra em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí (2023). Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Piauí (2017).

2 Pós-Doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação da UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2018-2019). Livre-Docente pela Universidade Estadual Paulista (2010). Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Franca (2003) e Mestra em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994). É Docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP/Franca e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPI/Teresina.

Introdução

Este artigo é produto da dissertação apresentada no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e possui como objetivo, apresentar algumas reflexões sobre as narrativas de três mulheres que sobreviveram a situações extremas da violência de gênero no estado.

A violência perpetrada por homens contra mulheres não é um fato novo e muito menos restrito ao cenário brasileiro. Segundo Gomes (2021), trata-se de um fenômeno mundial socialmente construído, cujas raízes "se encontram nas relações desiguais de gênero, engendradas na multiplicidade de marcadores sociais, que se interseccionam e se materializam em uma variabilidade de expressões e contextos sociais" (GOMES, 2021, p. 60). As mulheres continuam aparecendo ostensivamente nas estatísticas da violência e do feminicídio, e em muitos casos, os perpetradores são homens sem laços consanguíneos, escolhidos para a convivência íntima, sejam eles: maridos, namorados, companheiros ou ex-parceiros. É nesse cenário assustador, que Bandeira (2017) remetendo à clássica frase de Simone Beauvoir: "Não se nasce mulher, torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1967, p.9), afirma que: "Não se nasce mulher, mas se morre por ser uma" (BANDEIRA, 2017, p.16).

Quando uma mulher é assassinada, sua história é contada do ponto de vista do autor do crime ou de terceiros. Quando sobrevive, é ela quem conta. Nesse sentido, a relevância desse estudo justifica-se pelo interesse em garantir o reconhecimento e a visibilidade das mulheres sobreviventes das tentativas de feminicídio, incentivando-as a assumirem o protagonismo de suas próprias histórias.

Através de suas narrativas, elas contribuem não somente com a comunidade acadêmica, mas também com outras mulheres que ao terem conhecimento de suas falas, poderão se identificar e, quem sabe, conseguir romper com o ciclo da violência em que estão inseridas. "Eu não sou livre enquanto qualquer mulher for cativa. Mesmo se as correntes dela forem muito diferentes das minhas" (LORDE, 1981, p.2).

Por intermédio das narrativas, será possível apreender os fatos que antecederam as tentativas, o que aconteceu no momento do crime, o que ocorreu depois, se elas possuíam vínculos com os agressores, se estavam inseridas no ciclo da violência, os seus marcadores sociais, se chegaram a denunciar as agressões, entre outros elementos que subsidiarão a construção de um desenho mais fidedigno a respeito da realidade do feminicídio no Piauí. Outrossim, as narrativas de suas histórias permitem ao leitor visualizar detalhes que passam despercebidos em casos de feminicídios consumados. Esses relatos nos aproximam dos sentidos presentes nessa experiência, fazendo com que possamos imergir no mundo das mulheres e entender verdadeiramente os terrores da violência de gênero.

Os relatos de Esmeralda, Jade e Safira (nomes de pedras preciosas utilizados como forma de garantir o anonimato) são representativos de práticas que, no Brasil, podem ser expressas, por exemplo, pelos números levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021), que no ano de 2020, apontou que 4,3 milhões de mulheres foram agredidas fisicamente com tapas, socos ou chutes no Brasil, isso significa que a cada minuto, 8 mulheres sofreram violência física em 2020. Em relação ao feminicídio, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança

Pública (2022), em 2021, uma mulher foi vítima de feminicídio a cada sete horas no Brasil, o que corresponde em números absolutos a 1341 feminicídios.

No âmbito regional, um estudo realizado pela Rede de Observatório de Segurança (2022), apontou que a cada 72 horas uma mulher sofre alguma violência no Piauí. Foram monitorados entre agosto de 2021 a janeiro de 2022, 75 casos de violência contra as mulheres. Dentro da totalidade desses casos, temos 37 notificações no que se refere às violências físicas que resultaram em tentativas de feminicídio e 22 casos de feminicídios consumados. Com isso, os números de feminicídios no estado, sejam eles tentados e/ou consumados, corresponderam a 69% dos casos observados. Nesse mesmo ano, conforme dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), o Piauí apresentou a quinta maior taxa de feminicídio entre todos os estados brasileiros.

Refletir sobre as histórias dessas mulheres, à luz das estatísticas, significa considerar que estamos tratando de um fenômeno próprio do patriarcado baseado na desigualdade de poder entre gêneros e atravessada por múltiplas desigualdades, discriminações e exclusões. Lourdes Bandeira (2014) aponta que as dissimetrias de poder entre homens e mulheres no âmbito privado e/ou público, produzem a violência que recai sobre os corpos femininos, seja de forma física, sexual, psicológica, patrimonial ou moral. As narrativas individuais aqui apresentadas tratam dessas ações violentas que, embora se reportem à esfera familiar e interpessoal, são frutos de contextos sociais e espaços relacionais que buscam controlar, discriminar e subjugar as mulheres.

Método

O estudo foi realizado a partir de um instrumental técnico-metodológico de natureza qualitativa e de caráter exploratório. Para a coleta dos dados empíricos, utilizamos o método Narrativas de Vida, de Daniel Bertaux (2010), que permite às participantes contarem suas experiências com liberdade, sem interferência da pesquisadora, exceto quando foram necessários direcionamentos para a pesquisa. Para a coleta de informações complementares, fizemos o uso de fontes secundárias, oriundas da pesquisa bibliográfica e documental.

Na pesquisa de campo, três mulheres foram convidadas a participar de entrevistas narrativas não estruturadas, que visaram encorajar e estimular as participantes a contarem suas experiências enquanto mulheres que sofreram situações de violência extrema. As três foram encontradas por intermédio da assistente social que atua em um dos Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), localizado na cidade de Teresina (PI).

As entrevistas foram agendadas com antecedência e realizadas de forma presencial no CREAS que as participantes eram acompanhadas. A escolha do local se deu em razão da intermediação da profissional que possibilitou o contato com as mulheres e pela razão delas já terem certa proximidade com o espaço. Os encontros foram realizados separadamente e em horários diferentes como forma de garantir o sigilo ético e deixá-las mais confortáveis. Todas as participantes receberam nomes de pedras preciosas como forma de assegurar o anonimato.

Os critérios para que elas fossem convidadas a participar da pesquisa foram: a) ser maior de idade; b) residir em qualquer cidade do Piauí; c) ter vivenciado situações de violência

praticadas por homens em razão do gênero e que culminaram em tentativas de feminicídio.

Com base no método Narrativas de Vida e na realização das entrevistas narrativas, buscamos extrair os significados subjetivos atribuídos às experiências vividas por essas mulheres e aos processos de subjetivação que sinalizaram as rupturas das violências sofridas por elas. Com as rupturas, foram possibilitadas tentativas de resignificação através da busca de um novo sentido para suas vidas, mesmo após um tortuoso período em que estiveram à mercê da violência.

Através de uma conversa franca entre mulheres, houveram momentos em que foram observados sentimentos como ansiedade, medo, dificuldades de se expressarem a respeito do tema, envolvimento emocional com a situação, e muitas manifestações de choro. Todavia, demonstravam a necessidade de desabafar a respeito das situações vividas. Salientamos, deste modo, que as entrevistas narrativas com a conjugação do método Narrativas de Vida, permitiram a formação de um vínculo de acolhida, de respeito mútuo, de colaboração e de uma escuta respeitosa das mulheres, transformando-se em um espaço de troca tanto para a entrevistadora como para entrevistada.

Por ser uma pesquisa realizada com seres humanos, ela foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). As mulheres investigadas foram informadas antes e durante todo o processo de pesquisa sobre as reais intenções, finalidades e procedimentos da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As participantes da pesquisa estão protegidas pelas Normas e Diretrizes Brasileiras que ordenam as pesquisas envolvendo seres humanos,

incluindo as Resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

O estudo está dividido em três partes além da introdução e do método: a primeira apresenta os resultados através das narrativas de três mulheres piauienses sobreviventes das tentativas de feminicídio, trazendo reflexões sobre suas experiências enquanto mulheres que sofreram a violência em seu aspecto mais perverso; a segunda apresenta a discussão, onde são interpretados os dados coletados no estudo e na terceira, temos as considerações finais.

Resultados

Aqui, são apresentadas de maneira singular, as três mulheres participantes do estudo, com o principal propósito de situar o leitor na história de cada uma, auxiliando na contextualização dos extratos de falas que subsidiarão as nossas análises e interpretações.

Esmeralda

Esmeralda é uma mulher negra moradora da cidade de Teresina (PI), que viveu durante dez anos em regime de união estável com seu agressor, um mecânico de 40 anos. Eles namoraram por um ano e, após Esmeralda engravidar do primeiro filho, resolveram morar juntos. Dois anos após o nascimento do primogênito, o casal teve mais uma filha. De acordo com Esmeralda, os primeiros anos da união estável foram saudáveis, ele era um bom companheiro e um bom pai, no entanto, após a segunda gravidez, ela percebeu uma brusca mudança de comportamento do parceiro.

Conheci ele numa festa, ele me chamou para dançar, a gente dançou, e depois começamos a conversar todos os dias. Depois de uns meses, ele me pediu em namoro e eu aceitei. Com um ano de namoro, eu engravidei do meu primeiro filho, nesse

tempo eu ainda morava com minha mãe, mas a gente resolveu se juntar pra criar nosso filho juntos. Os primeiros anos foram bons, ele era um bom companheiro e bom pai, a gente não tinha brigas feias, nem discussões. Aí na segunda vez que eu engravidei, ele mudou comigo de repente, começou a beber mais, a ficar menos em casa, ficou agressivo e violento. Nada era bom pra ele, ele perdia a paciência rápido e dizia que a culpa era minha, porque eu era chata demais (Esmeralda).

Esmeralda vivenciou um longo histórico de violências ao lado do companheiro, pois conforme seu relato, em dez anos de relacionamento, somente os primeiros anos foram saudáveis. A deflagração dos episódios de violência psicológica e física ocorreu após sua segunda gravidez. De início, ela não compreendia o porquê da mudança de personalidade do companheiro, e em muitos momentos, culpabilizava-se pelas agressões sofridas. Apesar do relacionamento em crise, Esmeralda acreditava que o companheiro poderia voltar a ser o homem que ela conheceu.

Depois de um tempo, eu descobri a razão dele ter mudado tanto. Uma colega me contou que ele estava tendo um caso com uma menina bem mais nova que eu, ele passava as noites dormindo com essa menina, e só aparecia de manhã em casa, ele deixava faltar as coisas dentro de casa para dar pra ela. Quando chegava em casa, ele não dizia nada, só me tratava mal. No dia que eu soube que ele estava me traindo, eu não aguentei e pedi que ele fosse embora. Aí a gente começou a discutir, e ele me xingou muito e me bateu. No outro dia, eu esperei ele sair para trabalhar, peguei as crianças e fui para casa da minha mãe (Esmeralda).

Após descobrir a traição, Esmeralda esperou o companheiro chegar em casa e contou que havia descoberto sobre o caso extraconjugal. Em razão desse motivo, ela alegou que queria terminar o relacionamento. No momento do conflito, o agressor transformou toda sua agressividade em violência física. Esmeralda, que já vivenciara uma série de abusos psicológicos, também sofreu com os murros e pontapés na presença dos filhos. Ao acordar, ela o esperou sair de casa, e foi com as crianças

para a casa da sua mãe. Apesar da tomada de decisão, dias depois, eles conversaram e ela voltou para o relacionamento.

Ele disse que ia mudar e eu acreditei. Durante um tempo, voltou a ser legal comigo, deu atenção pros filhos dele, me tratou bem, nem parecia com aquele monstro que eu vi naquele dia. Ele até que se afastou da menina lá, tinha voltado a dormir mais e casa e tudo, só que aí ela começou a ir atrás dele, não deixava ele em paz, ficava ligando direto, aí ele voltou com ela, e tudo se repetiu de novo. Ele saía dizendo que ia beber com os amigos e só chegava de manhã, demorava pra chegar do trabalho e começou a me tratar mal de novo. Aí teve um dia que ele chegou muito bêbado em casa, e me bateu, tacou minha cabeça com força na parede e eu quase desmaiei. No outro dia, ele falou que não lembrava do que tinha acontecido, ficou carinhoso comigo, e disse que não era assim, que foi a bebida que fez isso, aí eu estava cansada de lutar contra aquilo e deixei passar (Esmeralda).

Nesse trecho, Esmeralda parece culpabilizar outra mulher pelas atitudes do companheiro. Aqui cabe pontuar, a presença da histórica cultura patriarcal, que coloca os homens numa posição de superioridade em relação às mulheres. Assim, a rivalidade feminina é um dos principais combustíveis que alimentam a supremacia masculina. Enquanto as mulheres brigam entre elas, o patriarcado se mantém intacto, e é isso que ele almeja, que fiquemos imersas no mundo de opressões que ele próprio estabelece, pois assim, não somos ameaça à perpetuação desse sistema, que sempre se baseou na exploração-dominação ou dominação-exploração feminina.

O conceito de dominação-exploração ou exploração-dominação é utilizado porque "se concebe o processo de sujeição de uma categoria social com duas dimensões: a da dominação e a da exploração" (SAFFIOTI, 2001, p.117). Saffioti (2001) defende que essas duas dimensões são complementares e fazem parte de um único processo, não devendo ser analisadas em territórios distintos.

Na narrativa de Esmeralda, percebemos a presença constante do ciclo da violência em seu cotidiano. Durante a tensão da primeira fase, o agressor demonstra irritação com coisas pequenas, destrata a companheira e os filhos, apresenta momentos de raiva e a culpabiliza por todas as situações ruins. Depois de um tempo, a tensão explode e acaba se transformando em violência física. É geralmente nessa fase, que a mulher toma a decisão de se afastar do agressor, porém, pouco tempo depois, o homem se mostra arrependido e promete que a agressão não irá mais se repetir, ele se torna mais amoroso, muda certos comportamentos, o que faz com que ela volte para a relação. No entanto, pouco tempo depois, o ciclo volta a acontecer.

Além das agressões físicas e psicológicas, Esmeralda também relatou a constante presença da violência sexual.

Ele não era assim todo dia, sabe? Tinha dias que ele me tratava bem, mas em outros dias, principalmente no final de semana, era quando a gente mais brigava. Ele dizia que ia sair pra beber, porque não aguentava mais olhar para minha cara, que precisava distrair a mente. Ele saía de casa e só voltava no outro dia, "morto de bêbado". Quando chegava, ia deitar na minha cama como se nada tivesse acontecido, e me obrigava a ter relações sexuais com ele, mesmo eu não querendo, ele me obrigava. Era horrível, eu me sentia um lixo (Esmeralda).

No tocante ao comportamento do agressor com os filhos, a participante aponta que, durante os primeiros anos das crianças, ele era um bom pai. Porém, com a intensificação da violência ao longo do tempo, os pequenos passaram a presenciar constantemente os abusos físicos e psicológicos contra a mãe.

Minhas crianças não suportavam mais presenciar tantas agressões, quando o pai chegava transtornado em casa, ele procurava qualquer motivo pra brigar, ele gritava, xingava, batia nos móveis com força, quebrava objetos e elas acordavam assustadas. Elas choravam muito e pedia pra ele parar, mas isso só deixava ele com mais raiva. Um dia meu filho mais velho, ajoelhou nas pernas dele e pediu pra ele parar de gritar comigo, ele ficou furioso

porque ele me defendeu e me deu três murros no rosto na frente dele. Disse que aquilo era pra ele aprender quem é que mandava. Pra mim, aquilo foi o fim, ele poderia fazer tudo comigo, mas com meus filhos, não. No outro dia bem cedo, eu peguei meus filhos e saí daquela casa, eu nunca mais voltei pra ele (Esmeralda).

Após vivenciar muitos anos de violência física, psíquica, sexual e patrimonial, Esmeralda colocou um fim no relacionamento ao sair de casa com os filhos. Ela percebeu que se continuasse naquela casa, os filhos iriam crescer em um ambiente violento e hostil, podendo até mesmo, desenvolver problemas psicológicos que lhe acompanhariam pelo resto da vida.

Depois que a gente acabou, ele vinha atrás de mim, todo dia no portão da minha mãe, pedia "pra" voltar, e eu sempre recusando, falando que não, que não... até que um tempo ele parou de vir no portão, mas ele andava falando assim pros vizinhos, pra outras pessoas que se eu não voltasse pra ele, ele ia me matar, ou se ele soubesse que eu tivesse com alguém, ele ia me matar, mas eu não acreditava nisso, achava que ele não tinha essa coragem pra fazer esse tipo de coisa (Esmeralda).

Depois do fim da união estável, o agressor começou a fazer ameaças, entretanto, mesmo em face da intimidação e do longo histórico de violências, Esmeralda optou por não o denunciar. Aqui, cabe pontuar que, quando o homem ameaça uma mulher de morte, há uma grande chance de ele vir a cumprir com o que foi prometido.

Eu não acreditava que denunciar ele, iria servir de muita coisa. Na minha cabeça, ele não ia ser preso, e isso só iria servir para que ele buscasse vingança contra mim e os filhos, depois. Eu preferi acreditar que ele me deixaria em paz, e que ele não ia ter coragem de cumprir as ameaças (Esmeralda).

Em um certo dia, o agressor mandou um áudio para o celular da ex-companheira, pedindo que a mesma fosse buscar o dinheiro da pensão dos filhos em sua antiga residência. Ele alegou que o valor estava em cima da mesa da sala e que ele não estaria lá no momento. Confiando em suas palavras, Esmeralda se deslocou no final da tarde até o local de domicílio, e na

hora que estava saindo, foi surpreendida com a presença do ex-companheiro.

Ele chegou pra falar comigo, calmo, ele estava bem calmo até. Ele falou assim: tem chance da gente voltar? E eu falei que não. Nisso, ele saiu de perto de mim e na hora que eu estava saindo da casa, ele me atacou com uma faca. Ele começou a me esfaquear e eu consegui correr até a porta da casa, eu gritava bem alto e pedia socorro. Nisso, os vizinhos escutaram, conseguiram entrar na casa que estava aberta e seguraram ele. Chamaram a polícia, e ele foi preso em flagrante por tentativa de feminicídio. Eu fui internada no hospital, por causa das quatro facadas que levei. Elas atingiram meu braço, minha virilha, minhas costas e minha perna (Esmeralda).

Nesse relato, observamos a ocorrência de um crime premeditado, isto é, de um crime que foi planejado. Modelli (2019) aponta que, geralmente, o feminicídio é anunciado e premeditado pelo agressor, que persegue a mulher em locais íntimos, como a casa ou o trabalho, e demonstra-se interessado em conversar, mas o que deseja na realidade, é matá-la.

Depois de receber alta do hospital, Esmeralda voltou para a casa da mãe. Ela ainda está se recuperando dos impactos físicos e psicológicos decorrentes do relacionamento passado. O medo ainda faz parte de seu cotidiano, pois ela teme que ele volte a fazer mal a ela e aos filhos. Atualmente, o agressor ainda se encontra preso.

Refletir sobre a sobrevivência de uma violência como a do feminicídio nos possibilita avaliar esse termo de outro modo, pensando nessas mulheres, em especial Esmeralda, como "sobreviventes". Azevedo e Dutra (2015) utilizam a expressão sobre-vivência como forma de caracterizar mortes existenciais e simbólicas, como a do amor e da família idealizada, de um projeto de vida, da própria dignidade, de quem se era, de quem se é, enfim, mortes que acompanham não só os traumas do feminicídio tentado, mas da própria existência. Esperamos,

que com o tempo, Esmeralda possa conseguir voltar a viver uma vida feliz e livre de violência.

Jade

Jade é uma jovem parda de 24 anos, moradora da periferia de Teresina (PI), que viveu durante dois anos em um relacionamento abusivo com um segurança. O namoro teve início no ano de 2018 e terminou em 2020, após ela vivenciar uma série de abusos psicológicos.

A primeira vez que eu vi ele, foi na festa de réveillon que aconteceu na casa uma colega minha. O marido dela, que trabalhava com ele, convidou ele para festa e ele foi. Minha colega nos apresentou e aí conversamos a noite toda. A gente continuou ficando nos outros dias, até que depois de um mês, ele me pediu em namoro. No começo, a gente se via mais nos finais de semana, aí como não convivíamos muito, era um namoro bom. Só que depois de uns meses, ele passou a querer me controlar, não queria que eu saísse de casa sem ele, pediu para que eu me afastasse das minhas amigas, porque, segundo ele, elas não eram boas companhias pra mim, passou a ter um ciúme possessivo, eu não podia olhar pro lado, que ele dizia que eu estava olhando para outro "macho". O tempo foi passando, e eu continuava suportando aquilo tudo, porque depois que as brigas passavam, o namoro voltava ao normal (Jade).

De acordo com Jade, foi só depois que o namoro acabou, que ela conseguiu interpretar e entender que estava em um relacionamento abusivo. As manipulações psicológicas do agressor a impedia de enxergar a realidade na qual estava inserida. Ele não permitia que ela saísse de casa sem ele, não queria que ela tivesse mais amigas, pois segundo ele, eram más influências, tinha um ciúme possessivo e doentio, ele não deixava nem mesmo que ela olhasse para o lado, pois poderia suscitar o desejo de outros homens. Após as ofensas, o agressor alegava que estava em um momento de ciúmes e pedia desculpas pelo ocorrido, prometendo que não iria acontecer novamente. Jade estava vivenciando o ciclo da violência.

Ele me isolou de todo mundo, me deixou totalmente dependente dele. Ele saía para beber com os amigos no final de semana e me deixava em casa sozinha sem saber dele, só dava notícias no outro dia. Isso me gerava muita ansiedade, eu não conseguia dormir pensando no que ele estava fazendo e com quem ele estava. E quando eu ia reclamar pra ele, ele me chamava de louca, ciumenta, desequilibrada por ele. Que ele tinha o direito de sair pra beber com os amigos, que o namoro não era uma prisão, e que eu tinha que entender. Por causa da minha dependência, eu acabava voltando (Jade).

Ela percebia que havia algo de errado no relacionamento, pois aceitava tudo que ele fazia, mesmo que isso lhe causasse intenso sofrimento psicológico. Todavia, o agressor não admitia que ela vivesse uma vida em que ele não estivesse. Ele podia sair com os amigos para espalhar e desaparecer no final de semana, ela não podia, sequer, ter amigas.

Teve um dia que ele esqueceu o celular dele comigo, aí como eu sabia a senha porque tinha decorado, resolvi entrar pra ver o que ele fazia nas redes sociais. Quando entrei no instagram, vi que ele tinha trocado mensagem com outras mulheres, e no whatsapp, ele tinha salvado o contato de duas meninas. Além disso, nas conversas com os amigos, eu peguei ele combinado com um amigo, de levar uma menina para Altos, numa festa que ia ter lá. Depois de ver tudo isso, eu chorei muito e me revoltei, me senti a pior mulher desse mundo. Quando ele veio buscar o celular, eu disse que tinha visto tudo e que agora entendia o porquê dele fazer tudo isso comigo. Eu dei um tapa na cara dele e mandei ele sumir da minha vida pra sempre. A gente terminou de vez, mas ele não aceitou o fim do namoro (Jade).

Em 20 de outubro de 2020, Jade rompeu o relacionamento. Depois do episódio de traição, ela foi atrás das amigas e contou tudo o que havia acontecido. Após algum tempo sofrendo pelo fim do namoro, ela começou novamente a viver, passou a sair mais com as amigas, e iniciou o curso superior de Administração, em uma faculdade particular de Teresina, como forma de se qualificar e arranjar um bom emprego.

A parte mais difícil de terminar um namoro assim, é ter que aguentar ele vindo atrás, mandando mensagens, vindo até minha casa implorando pra voltar, ter que ouvir ele dizer que se eu não voltasse com ele, ele ia se matar, porque a vida dele não tinha mais sentido

sem mim. Que não aguentaria me ver com outra pessoa, que me amava muito. Foi muito difícil resistir, teve vezes que eu acabei recaído e ficando com ele, mas eu não voltei o namoro (Jade).

O ex-namorado de Jade não a deixava em paz, ele utilizava de manipulações psicológicas para tentar conseguir o que queria, afirmando que se mataria caso ela não voltasse, gerando nela um sentimento de culpa e de medo dele realmente vir a tentar contra a própria vida. Com a insistência do rapaz, o casal teve algumas recaídas, no entanto, ela não voltou o namoro, deixando-o cada vez mais furioso.

De acordo com Jade, a deflagração do episódio mais perverso começou após ele descobrir que ela estava conhecendo outra pessoa. Em uma certa noite, ele pediu para conversar com ela, diante das insistências do agressor, Jade aceitou.

Ele pediu pra conversar comigo como amigo, queria me contar umas coisas que estava acontecendo na vida dele, e que só eu iria entender. Eu não queria mais esse contato com ele, mas ele ficava insistindo, então eu deixei. Eu entrei dentro do carro dele, e ele me perguntou se eu já tinha outra pessoa, nesse momento, eu vi a expressão do rosto dele mudando. De uma hora pra outra, ele começou a andar em alta velocidade no carro, e me ofendia bastante, me xingava muito e dizia que se eu não fosse dele, eu não ia ser de mais ninguém. Eu estava com bastante medo, tentava sair do carro, mas ele não deixava. Ele começou a me bater e mandou eu me acalmar, mas como eu vou me acalmar vendo que ele queria me matar? Eu gritava e a cada grito, era um novo soco. Ele parou o carro em um matagal e mandou eu tirar a roupa, eu disse que não iria tirar, e ele foi e me rasgou inteira. Ele me forçou a ter relações sexuais com ele, me agrediu bastante, bateu com força na minha cabeça, mordeu meu rosto, me penetrou de uma forma muito dolorosa e depois de concluir o ato, segurou forte meu pescoço até eu perder os sentidos. Depois de tudo isso, ele foi embora e me deixou naquele lugar despida, descordada e completamente sozinha. Eu acho que ele pensou que tinha me matado (Jade).

Nesse caso, não há como unificar o ocorrido em tentativa, mas considerá-lo em sua pluralidade, como tentativas, uma vez que o agressor tentou matá-la de várias formas. Através do extrato da fala de Jade, podemos

verificar que o agressor praticou a violência psicológica por meio de ofensas e xingamentos, a violência física mediante socos, mordidas e esganção, a violência sexual em razão do estupro com resquícios de crueldade, somados à direção inconsequente e perigosa, e, ao abandono da vítima desacordada e despida em local de alta vulnerabilidade e periculosidade.

Na manhã do dia seguinte, os moradores próximos ao matagal, encontraram Jade e prestaram socorro. O rosto dela estava desfigurado dos socos que levou, havia mordidas nas bochechas, traumas no crânio, hematomas em seus seios e glúteos, o pescoço estava com as marcas das mãos do agressor, ela não conseguia andar e nem se mexer. Jade foi levada de ambulância, até o hospital mais próximo, onde ficou por uma semana.

Após a ocorrência do crime, o agressor fugiu para o interior do estado, onde se escondeu por um tempo. Porém, depois de quase dois meses foragido, ele foi encontrado, detido e transferido para Teresina (PI). Atualmente, ele se encontra preso, esperando pelo julgamento. Jade conta que tem muito medo e que teme por sua vida, pois acredita que o seu algoz logo estará livre, em razão de ser réu primário e ter bons antecedentes criminais.

Ele não conseguiu me matar naquele dia, mas conseguiu tirar minha vontade de viver. Meu rosto, como você tá vendo, ainda carrega as cicatrizes daquele dia. Não tem um dia que eu me olhe no espelho e não me lembre do que aconteceu. Eu estou com depressão, eu penso o tempo inteiro que ele vai tentar me matar de novo, eu só consigo dormir depois de tomar remédio controlado. Eu ando nas ruas olhando para os lados, e chego em casa me tremendo. Tem dias que me dá uma tristeza, uma vontade de morrer... (Jade).

Após as tentativas de feminicídio por parte de seu ex-namorado, Jade ficou com as cicatrizes da violência em seu rosto, o que afeta diretamente sua autoestima. Além das sequelas

físicas, a estudante desenvolveu doenças psicológicas, como a depressão e a síndrome do pânico, que lhe impedem de desfrutar de uma vida livre e saudável.

As tentativas de feminicídio de Jade ocorreram em um espaço público perpetrado por um homem que a mesma possuía relações íntimas de afeto. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), no ano de 2021, 23,2% dos feminicídios ocorreram nos espaços públicos, provando que essas mortes ultrapassam a esfera privada, ocorrendo também em vias públicas, rodovias, estradas, matagais, em estabelecimentos comerciais, entre outros. O crime foi cometido com o uso das mãos do agressor, que segundo o NUPROJURI (2020), corresponde a 7,4% casos. Nesse caso, também vemos como elemento antecedente da tentativa, o estupro de Jade. Pesquisas têm apontado, que em vários casos, antes de consumir o feminicídio, os autores da violência tendem a cometer violência sexual com as vítimas.

O medo é algo natural dos seres humanos, porém o medo manifestado por Jade e as demais mulheres que vivenciam diferentes formas de violência, não é natural. Trata-se de um sentimento que produz angústia, tristeza, raiva, sentimento de impotência, e que pode levar ao desenvolvimento de transtornos mentais, como a depressão, a síndrome do pânico, crises de ansiedade e até mesmo à tentativa de suicídio.

Eu acho que ele, no fim, conseguiu o que queria. Eu não consigo mais me relacionar com ninguém, até porque não consigo mais confiar. Eu fico achando que eles vão me fazer mal de novo, e por isso, nem me aproximo. Eu estou feia com essa cicatriz no rosto, não tenho mais autoestima, vontade de sair e nem nada. Para agora, eu só quero ficar quieta no meu canto, e esperar o tempo passar, vai que um dia eu esqueço e consigo ser feliz de novo? Só que eu acho que esse dia ainda está longe de chegar (Jade).

Em relação ao futuro, Jade não sabe o que esperar. Ela não tem planos e nem expectativas, está apenas vivendo um dia de cada vez, tentando lidar com os traumas e as cicatrizes que ficaram. Com a relação violenta, ela aprendeu a verificar os sinais, e sabe identificar de longe quando um homem está sendo abusivo. Porém, devido ao bloqueio emocional, ela não consegue mais se aproximar de nenhum homem, em razão do medo de que possa acontecer tudo novamente.

Safira

Safira é uma jovem negra de família simples, nascida em Teresina, capital do estado. No ano de 2013, ela casou com um pedreiro, com quem viveu ao longo de sete anos. O casal tem uma filha. Safira vivenciou um longo período de abusos e violações perpetrados por seu parceiro, como expresso por ela ao afirmar: *foram sete anos difíceis*.

Eu conheci ele em 2011, através de uma amiga minha que também era conhecida dele, eu já conhecia ele de vista porque ele sempre morou no meu mesmo bairro. Eu tinha 19 anos e ele 32, ele era bem mais velho que eu e também já tinha tido outros relacionamentos, enquanto eu nunca tinha namorado. Ele se encantou por mim e foi me conquistando aos poucos, até que depois de um tempo, me pediu em namoro e eu aceitei. O namoro já começou difícil porque eu não tinha o apoio da minha família, meus pais não gostavam dele por causa da nossa diferença de idade e das confusões que ele já tinha aprontado no bairro. Ele sempre gostou de beber, e quando exagerava, virava uma pessoa que procurava briga com todo mundo. Mas mesmo sabendo disso, eu não escutei minha família, porque eu achava que comigo, ele era uma boa pessoa.

Nessa fala, observamos que o relacionamento de Safira não contava com a aprovação da família, em virtude do histórico violento do seu companheiro, marcados por brigas e confusões pelo bairro em que residia. Eles alertaram sobre o perigo dela se envolver

com um homem que já tinha demonstrado atitudes violentas, mas mesmo assim, ela resolveu continuar na relação, pois segundo ela, ele era uma boa pessoa.

A gente namorou por dois anos entre 2011 a 2013. Nesses anos, o namoro só foi saudável nos primeiros meses, depois ele passou a sair muito para bares e festas escondidos de mim, e quando eu descobria, ele não me atendia, nem retornava as ligações, fazendo com que eu tivesse muita ansiedade durante a noite, eu não conseguia dormir até saber que ele tinha chegado em casa. Quando ele bebia muito e eu tava presente, ele me xingava e não permitia que eu olhasse para o lado. Pra você ter uma ideia, quando a gente tava na presença dos amigos dele, eu não podia falar com ninguém e tinha que olhar só pra ele e pro chão (Safira).

Durante os dois primeiros anos, percebemos que Safira já vivenciava um relacionamento abusivo, com muita dependência emocional do agressor. A violência psicológica aparece em vários momentos de sua fala, por exemplo quando ela diz que não conseguia dormir devido às crises de ansiedade ocasionadas pelo sumiço do parceiro; quando, em razão do consumo de bebida alcoólica excessivo, ele proferia xingamentos e desconfiava da companheira, não permitindo que a mesma olhasse para o lado, e, quando na presença dos amigos do agressor, ela deveria voltar o olhar apenas para ele e para o chão. Nessa situação, as desconfianças infundadas são falsamente justificadas pelo ciúme, mas na realidade, era uma das formas dele exercer controle e dominação sobre o corpo e comportamento de Safira.

Teve uma vez que fomos para uma formatura, e lá ele misturou várias bebidas e começou a encarar outras meninas na minha frente, quando eu fui reclamar, ele jogou bebida na minha cara na frente de todos, eu me senti muito humilhada. Depois dessa situação, eu terminei o namoro mas não consegui manter a decisão, ele veio atrás de mim com flores e chocolate, afirmou que não lembrava do que tinha acontecido mas prometeu que aquilo nunca mais se repetiria. Ele passava algum tempo comportado, me tratando bem, fazendo eu me apaixonar por ele de novo, e

quando eu menos esperava, ele saía novamente para bares e festas sem mim (Safira).

Aqui, notamos que a violência psicológica estava cada vez se intensificando mais, chegando ao ponto de acontecer em ambientes públicos, na frente de outras pessoas. Safira, ao reclamar dos excessos e da falta de respeito do agressor, recebeu como "punição", um copo de bebida jogado em seu rosto, fazendo com que a humilhação fosse ainda mais ultrajante. Após o ocorrido, ela resolveu terminar o namoro, mas não conseguiu manter a decisão em razão da insistência do agressor, que afirmava não se lembrar do ocorrido, mas que se arrependia por ter feito ela passar por essa situação. Depois de conseguir voltar, ele mudava de comportamento, tratava ela muito bem, deixava ela cada vez mais dependente, e após um período, o ciclo da violência voltava a se repetir.

Eu não identificava que estava em uma relação tóxica e violenta, apesar dos vários sinais que ele já tinha me dado, eu não conseguia terminar o namoro de vez por causa da minha dependência emocional, eu pensava que se terminasse com ele, eu iria ficar sozinha pra sempre e que ninguém iria me querer (Safira).

Nesse trecho, podemos observar, que a presença constante da violência psicológica somada ao poder de manipulação do agressor, acarretou na inferiorização de Safira e na diminuição de sua autoestima, fazendo com que a mesma não conseguisse enxergar uma vida sem o seu parceiro. Para Schraiber et al. (2005), mesmo que as violências ocorram de forma frequente na vida das mulheres, nem sempre elas percebem isso como violência. Muitas vezes, o agressor faz com que a mulher se sinta culpada, e infelizmente por conta dessa visão equivocada, a mesma acaba por manter a relação.

Entre essas idas e voltas, eu engravidei aos 21 anos de idade e foi aí que eu me vi totalmente sem chão porque eu ainda morava com meus pais. Meu pai não aceitou a gravidez e exigiu que

eu me casasse porque, segundo ele, ele não criou filha pra ser mãe solteira e mal falada. Meu ex-marido assumiu a responsabilidade e a gente se casou no final de 2013. Nós fomos viver juntos em uma casinha alugada por ele. Os meses da gestação foram muito difíceis porque eu me sentia muito sozinha em casa, ele passava o dia inteiro no trabalho e quando chegava não tinha tempo pra mim, fora que quando ele saía com os amigos, isso me gerava muita crise de ansiedade. Eu ia para a casa dos meus pais durante o dia, mas isso não supria a ausência dele. Depois que minha filha nasceu, toda minha atenção foi voltada pra ela, ele não me ajudava a cuidar da menina, eu tinha que fazer tudo dentro de casa e ele ainda se irritava se ela não parasse de chorar (Safira).

Um ponto que merece destaque na fala de Safira, é a presença do pai também como agente causador da violência psicológica. Aqui, verificamos a forte existência de uma cultura patriarcal, associada ao padrão de que "o homem deveria conservar a honra, prestígio e respeito da família, enquanto a mulher deveria gerir a casa, cuidado do marido e filhos, ser recatada e decente" (AUGUSTINI ET AL., 2021, p.20706). Nesse modo de pensamento, a fertilidade e a sexualidade feminina são consideradas ameaças à reputação da família, além de um perigo constante, requerendo assim, o controle masculino. Como forma de "salvar a honra" de Safira, o pai exigiu o casamento.

Eles casaram no civil logo depois da descoberta da gravidez, e foram morar em uma casa alugada. Safira alega que sofreu muito com a gestação da filha, ela se sentia sozinha na maior parte do tempo, pois o companheiro passava o dia inteiro no trabalho e quando chegava não dava atenção a ela, ademais, nos momentos de descanso, ele saía com os amigos para se divertir e espairecer, deixando-a sozinha novamente, o que lhe gerava muitas crises de ansiedade, além dos sintomas físicos da gravidez, como enjoos, tonturas, mal estar, dor de cabeça.

Depois do nascimento da filha, Safira percebeu mudanças por parte do agressor, ele se irritava facilmente com os choros da criança recém nascida, além de não ajudar a cuidar da menina. Todos os cuidados eram responsabilidade de Safira, que tinha que se dividir entre ser mãe, esposa e dona de casa.

Com o passar do tempo, ele foi se demonstrando cada vez mais ignorante e agressivo. Tudo era motivo de irritação pra ele, se a menina chorava, ele brigava, se ela não dormia a noite, ele também brigava, se eu não fizesse comida do jeito que ele queria, era confusão, tudo era motivo de briga. Eu cheguei a preferir que ele ficasse fora de casa, porque só assim eu e minha filha tínhamos paz. Ele não gostava que eu visitasse a minha família e nem que eles me visitassem, e me proibia de falar dos nossos problemas pra eles (Safira).

Safira relata que, com o passar do tempo, ele foi se demonstrado cada vez mais ignorante e agressivo. Ele se irritava com coisas pequenas, principalmente em relação à criança, e tudo era motivo para discussão. Uma fala que merece destaque é quando ela diz que preferia quando ele estava fora de casa, pois só assim elas tinham paz. Durante todo o relato de Safira, percebemos que ela se queixava muito da ausência do parceiro, mas depois do casamento e principalmente do nascimento da filha, ela preferia que ele ficasse longe, em razão das brigas constantes.

O agressor também não gostava do contato de Safira com sua família, ele a proibia de contar os acontecimentos vivenciados dentro do espaço doméstico, justificando que isso era assunto que se referia somente ao casal. Nessa fala observamos que ele buscava afastar Safira de seu convívio social, impedindo-a de manter relacionamentos com amigos e familiares. Essas ações dificultam a saída das mulheres das relações abusivas, já que por meio delas a rede de apoio se enfraquece.

Nossa casa virou um cenário de muitas brigas e discussões, e por causa disso ele passou a beber quase todo dia e também a usar drogas como a cocaína. Com isso, ele passava dias fora de casa, e quando voltava, era explosivo

e violento. Os episódios de raiva dele fazia com que minha filha chorasse bastante o que desagradava ele. Teve um dia que ele chegou no outro dia de manhã, bêbado e drogado, e queria dormir. A minha filha de dois aninhos de idade se espantou e começou a chorar no berço, o que fez com que ele partisse pra cima dela pra bater pra ela parar, eu entrei no meio e nós duas sofremos violência física, eu levei murros na cabeça, empurrões e pancadas pelo corpo todo, mas consegui proteger minha bebê. Depois desse episódio, eu esperei calmamente ele dormir e fugi com minha filha para a casa dos meus pais (Safira).

Safira aponta a recorrência do cenário violento com muitas brigas e discussões, que foi ainda mais potencializado em razão do abuso de álcool e, também, de drogas como a cocaína. Os episódios de raiva e fúria do agressor se intensificaram ao ponto de virar violência física, cometida contra ela e a própria filha de dois anos de idade. Em virtude do ambiente em que estava inserida, a criança estava constantemente assustada, ademais, ela também apresentava sinais de irritabilidade e medo quando o agressor estava em casa. Depois desse episódio violento, principalmente pelo fato de ser perpetrado contra a filha, Safira pôs fim ao relacionamento.

Quando eu cheguei lá, contei tudo que havia acontecido durante aqueles anos, mostrei os hematomas e as feridas das agressões, o que fez com que meus pais ficassem revoltados. Eu prometi pra eles que não iria mais voltar e que eu iria me separar. Ele foi atrás de mim e eu disse que era pra ele ir embora, porque se ele não fosse eu ia denunciar pra polícia. Utilizei isso como chantagem pra ver se ele ficava longe de mim e da minha filha por medo de ser preso. Mesmo assim, ele estava inconformado, não aceitava o fim, dizia para as pessoas que eu era a mulher dele e que ele não iria aceitar me ver com outro. Morria ele e morria eu, mas eu não seria feliz sem ele.

Safira esperou calmamente o agressor dormir, arrumou as suas coisas e de sua filha

e voltou para a casa dos pais. Ela relata que contou para a família sobre o ocorrido e todos os episódios violentos vivenciados dentro do casamento, o que gerou um sentimento de revolta e indignação por parte deles. Apesar do incentivo para que ela buscasse os serviços especializados e fizesse a denúncia, ela escolheu não denunciar o agressor, ao invés disso, utilizou como estratégia para mantê-lo afastado. Mesmo longe dela, ele relatava para pessoas da vizinhança que não aceitava o fim do casamento, pois ela era a mulher dele e que jamais aceitaria vê-la com outro. As ameaças estavam presentes em falas como *"morria ele, morria eu, mas eu não seria feliz sem ele"*.

No dia 10 de dezembro de 2018, eu estava saindo de manhã cedo da casa dos meus pais para ir comprar pão, quando fui abordada pelo meu agressor, ele começou a gritar comigo me chamando de vagabunda, que me odiava por ter acabado com a vida dele, que eu era a culpada da vida dele está destruída, e que aquilo iria acabar agora. Com isso, ele foi logo sacando uma faca do bolso, e começou a me atacar. Eu entrei em luta corporal com ele e comecei a gritar desesperadamente, ele cortou meus braços que eu usava pra me defender, meu rosto e minhas pernas. Eu perdi as forças e caí no chão, e na hora que ele ia me desferir os golpes mortais, foi imobilizado pelos vizinhos e outros homens que passavam por lá. Ele foi espancado pela população, e preso em flagrante por tentativa de feminicídio e eu fui levada às pressas para o hospital.

No episódio que desencadeou a tentativa de feminicídio, Safira relata que foi surpreendida pelo criminoso na manhã do dia 10 de dezembro de 2018, onde ele a abordou próximo a calçada de casa e começou a gritar com ela, proferindo palavras de baixo calão e a culpando por ter "destruído sua vida", afirmando que aquilo iria acabar naquele momento. Ele tirou uma faca do bolso e começou a golpeá-la, Safira entrou em luta corporal com ele e começou a gritar muito alto. Ele a cortou em locais como o rosto, braços, ombros, barriga e nas pernas, todavia, os cortes não foram muito profundos, pois

na hora que ele iria dar os golpes mortais, foi imobilizado pelas pessoas na rua, espancado e depois preso em flagrante pelo crime. Na última vez que ela teve notícias, ele ainda estava preso.

Depois do acontecido, Safira demorou anos para conseguir lidar com os traumas da violência, todavia, ela não consegue se relacionar com ninguém em razão do medo de acontecer novamente, ela pensa em primeiro lugar na filha, pois não deseja que ela vivencie outra experiência desse tipo. Apesar de todos os percalços, ela está buscando novos sentidos para a vida, no ano de 2022, iniciou um trabalho como auxiliar de limpeza em um hospital, o que segundo ela, está lhe fazendo muito bem.

Discussão

Nos casos três casos apresentados, verificamos que as tentativas de feminicídio foram praticadas por homens que possuíam relações íntimas de afeto com as mulheres. Esta informação está em consonância com os dados apresentados pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), onde no ano de 2021, 81,5% das mulheres foram mortas pelo parceiro ou ex-parceiro, o que nos leva a constatação de que a maioria dos feminicídios ocorridos no Brasil, são feminicídios íntimos.

Conforme Meneghel e Portella (2017), o feminicídio é resultado de uma série de violências – físicas, psicológicas, sexuais, morais e patrimoniais – vivenciadas pelas mulheres ao longo de suas vidas. Observamos nas três narrativas, a presença constante dos vários tipos de violência doméstica contra as mulheres, todavia, constatamos a prevalência dos abusos psicológicos, físicos e sexuais. Nota-se, ainda, que as mulheres não sofrem apenas um tipo de violência, pois estas se

entrelaçam, ocorrendo acumuladamente e simultaneamente. Os relatos foram permeados de exibições de cicatrizes no corpo, relatos de medo, baixa autoestima, conflitos e traumas de relações sexuais forçadas.

Em relação à violência sexual, cabe pontuar que dentre todas as violências contra as mulheres que ocorrem no ambiente doméstico, esta é mais naturalizada. Conforme Souza (2017), as mulheres que são violentadas sexualmente pelos maridos e companheiros, na maioria dos casos, não compreendem a gravidade dessas ações e acabam mantendo a situação em segredo, pois acreditam que isso é natural dentro do casamento. Esse tipo de violência revela o complexo contexto de poder que demarca as relações sociais desiguais entre os gêneros. Em muitos casos, a violência sexual não é reconhecida como tal, e sim como uma obrigação das mulheres em satisfazer os desejos sexuais dos parceiros.

É com base nesse pensamento, que mulheres em situação de violência doméstica, vivenciam a violência em silêncio. Elas acreditam que manter relações sexuais, mesmo sem haver consentimento, é o seu dever enquanto companheiras. Schraiber et al (2005) aponta que a violência sexual pode implicar na ocorrência de diversos problemas de saúde física, reprodutiva e mental, além de acarretar o maior uso dos serviços de saúde por parte das mulheres.

Nos relatos de Esmeralda, Jade e Safira, podemos perceber que elas estavam em um relacionamento abusivo. Barreto (2018), aponta que o relacionamento abusivo acontece através do excesso de domínio sobre o outro. O domínio que, por sua vez, é motivador de grande sofrimento para as mulheres, ocasionando constrangimentos e perdas significativas, que implicam diretamente em sua vida social.

Esse controle obsessivo do comportamento das mulheres é, em muitas situações, justificado pelo ciúme exagerado do agressor. Conforme Albertim e Martins (2018), o ciúme pode ser caracterizado nesse caso, como o medo constante de perder a mulher para outro, tendo como principais reações: desconfianças infundadas, comportamentos extravagantes, explosões de raiva, impulsividade, necessidade compulsiva de checar a vida do parceiro, como por exemplo, segui-lo, até chegar às agressões físicas e/ou verbais, que em episódios mais graves, pode acarretar até no feminicídio tentado e consumado.

Outro ponto que merece destaque, é a presença da manipulação psicológica por parte do abusador em todos os casos. Conforme aponta Gomes (2018), o agressor frequentemente utiliza-se de estratégias para mobilização psicológica e emocional da mulher, e, de forma dissimulada e manipuladora, tenta inferiorizar a pessoa tornando-a dependente. Em consequência da romantização do relacionamento abusivo, as mulheres acabam entrando no jogo do agressor, acreditando no seu arrependimento.

Esse ciclo no relacionamento abusivo, como sabemos, é nomeado de ciclo da violência, que, de acordo com Albertim e Martins (2018), corresponde a uma série de ações comuns entre os agressores, que acontecem em três fases. A primeira fase é caracterizada como aumento da tensão no relacionamento através da agressão verbal, xingamentos e ameaças, a segunda é responsável pela explosão do agressor, que se apresenta na forma de violência física, onde as agressões atingem níveis elevados, essa fase é considerada de curta duração, porque após o episódio violento, o agressor demonstra arrependimento e faz de tudo para ter a

companheira de volta, e depois que consegue, vem a fase da lua de mel, que é o período que ele muda o comportamento e trata a mulher muito bem, até o ciclo voltar a acontecer.

O relacionamento abusivo ainda é apontado como um assunto abstrato no quesito interventivo, visto que para maioria das mulheres ainda é muito difícil reconhecer que se está em um. O reconhecimento deste tipo de abuso torna-se difícil, pois a mulher comumente não enxerga a situação e/ou se recusa a aceitar que seu parceiro íntimo seja um agressor abusivo. Para Schraiber et al. (2005), mesmo que as violências ocorram de forma frequente na vida das mulheres, nem sempre elas percebem isso como violência. Muitas vezes, o agressor faz com que a mulher se sinta culpada e, infelizmente, por conta dessa visão equivocada, a mesma acaba por manter a relação.

Conforme Agostini et al. (2021), grande parte das doenças psicossomáticas, isto é, doenças que possuem origem no estresse emocional e manifestam sintomas físicos, estão associadas a ocorrência de relacionamentos abusivos. No âmbito da saúde mental, de acordo com Tosta (2017), uma relação violenta origina muitos prejuízos psicológicos às mulheres, como estresse pós-traumático, queda da autoestima, ansiedade, depressão, ideação suicida, dentre outros.

Nos casos investigados, observamos a presença do abuso de álcool e outras drogas por parte dos agressores de Esmeralda e de Safira. Para Vieira et al. (2014), o uso excessivo dessas substâncias se configura como uma questão de saúde pública, pois agrega problemas de ordem física, psíquica, familiar, social, econômica e laboral. "Um estudo com associações temporais entre o uso de álcool e

a violência contra as mulheres evidenciou-se que as taxas de agressões contra as mulheres foram 6,5 mais altas quando os homens bebiam exageradamente" (VIEIRA ET AL., 2014, p. 367).

Reichenheim (2006) observa que o abuso do álcool e de outras drogas pode ocasionar um desarranjo familiar, pois o consumo em excesso acarreta mudanças de humor em alguns homens, que repercutem desfavoravelmente na relação conjugal com as mulheres e potencializam situações de discussões e violência entre os casais. Importa dizer, contudo, que nem todos os homens que ingerem bebidas alcoólicas são agressivos e violentos, o álcool não faz ninguém virar "outra pessoa", ele apenas potencializa os sentimentos já existentes.

Outro importante elemento a ser discutido, é a presença da gravidez como o fator de desencadeamento de atos violentos. Um estudo realizado por Silva et al. (2022) com 327 puérperas em uma maternidade do Espírito Santo observou que, apesar de não haver consenso na literatura científica quanto a se a gestação atua como fator de risco ou proteção à violência, 11% das mulheres alegam ter sofrido com a violência psicológica, física e sexual na gestação. Segundo os autores, na gestação há um aumento expressivo da violência psicológica e uma redução da física, todavia, há casos incidentes, ou seja, que a violência tem início na gravidez; a incidência foi de 9,7%.

De acordo com Muller et al. (2007), os conflitos observados nas relações conjugais entre os genitores, podem resultar no surgimento de dificuldades para os filhos, especialmente no âmbito das relações sociais e no desempenho escolar. As crianças podem apresentar problemas psicológicos e até desenvolver uma personalidade agressiva, onde ao crescer, poderão repetir as violências

vivenciadas no passado com outras pessoas. Nesse sentido, mesmo que o agressor não violente diretamente os filhos, as manifestações das violências cometidas dentro do lar, os afetam diretamente. Assim, a violência doméstica acaba se estendendo aos filhos, o que significa que, ao presenciar as cenas de agressões verbais, morais e físicas, eles também são alvos constantes da violência doméstica.

Nas três narrativas, a motivação do crime foi a não aceitação do término do relacionamento. Estudos realizados acerca da realidade do feminicídio, apontam essa motivação, como uma das principais causas de mortes de mulheres em razão do gênero no Brasil. Sabemos, que esses crimes acontecem em razão da ideologia machista e patriarcal que reverbera na sociedade brasileira, que cede aos homens, o poder irrestrito para decidir sobre a vida e a morte de mulheres. A partir do momento, que as mulheres não seguem os comportamentos sociais determinados por eles, eles se acham no direito de tentar contra sua vida.

Saffioti (2015) compreende o patriarcado como um sistema simbólico e ideológico que perpassa o meio social, inserindo sutilmente na consciência dos indivíduos, a ideia da inferioridade feminina, que até hoje influencia as relações sociais de gênero e fundamenta as relações hierárquicas e desiguais entre os sexos. O patriarcado é, assim, um sistema de exploração-dominação ou dominação-exploração das mulheres, cujos principais elementos consistem no controle da fidelidade feminina, na conservação da ordem hierárquica com a autoridade do masculino sobre o feminino, bem como dos mais velhos sobre os mais novos, e a manutenção dos papéis sociais: ao homem fica incumbida a

responsabilidade da provisão material e a mulher, os afetos e os cuidados do lar.

O feminicídio quando associado ao patriarcado, tem a função principal de oprimir, controlar e silenciar as mulheres através de atos machistas, pois quando as mulheres fogem do seu controle, os homens as matam. Isso denota uma expressão da questão social à medida que advém de um poder sócio-histórico estrutural, que afeta uma boa parte das mulheres brasileiras, em especial, as mulheres negras.

Em relação às denúncias, o que observamos foi que as mulheres não denunciaram as violências que vivenciavam dentro do relacionamento com o agressor, e dentre os principais motivos apresentados, podemos mencionar: a dependência emocional e financeira, as ameaças, a não identificação delas como mulheres em situação de violência, e principalmente, o pensamento de que a justiça é ineficiente, de que ela não seria capaz de resolver o problema. Todavia, o que podemos reparar é que, em todos os casos, o agressor foi preso e sofreu as punições determinadas pela Lei nº 13.104/2015 (Lei do Feminicídio).

O fato de não denunciar o ex-parceiro é uma característica interessante de abordar nesse estudo. De acordo com FBSP (2021), uma em cada quatro mulheres sofreu algum tipo de violência durante o auge da pandemia no Brasil. Isso significa que cerca de 17 milhões de mulheres (24,4%) vivenciaram a violência física, psicológica ou sexual no ano de 2020. Entretanto, segundo os dados do FBSP (2021), 44,9% dessas mulheres não fizeram nada em relação à agressão mais grave sofrida. É fato, e isso admitimos, que os números da violência contra as mulheres são numericamente assustadores, todavia, esses números tendem a ser bem maiores quando

consideramos todas as mulheres que sofrem com a violência em silêncio.

Lidar com a sobrevivência de uma violência significa, sobretudo, lidar com os vários traumas físicos e psicológicos deixados nas mulheres após a ocorrência do crime, como a dificuldade de falar sobre ocorrido, o medo de se relacionar de novo, os julgamentos da sociedade, entre outros fatores que corroboram para a manutenção do seu silêncio. Muitas vezes, devido ao terror vivenciado, elas se escondem dentro dos seus lares evitando o contato com o ambiente externo, ou mudam de casa e de cidade, abandonando suas antigas vidas sem deixar rastros.

Nos casos apresentados, verificamos que as mulheres participantes da pesquisa ficaram com vários traumas físicos e psicológicos resultantes do histórico de violências e das tentativas de feminicídio. Deste modo, como apontam Meneghel e Portella (2017), o feminicídio, seja ela tentado ou consumado, produz não somente a destruição física de uma mulher, mas mobiliza toda uma série de sentidos objetivos e subjetivos, desqualificando-a, julgando-a moralmente e destruindo sua família. Mais ainda: atinge simbolicamente todas as mulheres submetidas a um conjunto de práticas motivadas pelo desprezo e pelo sentimento de posse e de vingança que movem homens como os que atacaram Esmeralda, Jade e Safira. Quando este crime acontece, sinaliza-se para a negação do direito à autonomia, à decisão sobre o corpo, ao amor e à vida.

Considerações finais

Os registros e as publicizações das narrativas de Esmeralda, Jade e Safira procuram demonstrar como as mulheres podem ser

afetadas pelas formas mais torpes da opressão, frutos de uma construção sócio-histórica, que outorga poder aos homens, para atuar sobre o comportamento, corpo e vida das mulheres. Desnaturalizar certas práticas hierarquizantes e opressivas requer, em primeiro lugar, que sejam divulgadas histórias como essas, que trazem à tona, a verdadeira face da violência contra as mulheres e do feminicídio no Piauí.

Acreditamos que as participantes vivenciaram "experiências-limite", seja pelo histórico de violências decorrentes dos relacionamentos abusivos, seja pelos terrores vivenciados pelas tentativas de feminicídio, que lhes trouxeram grandes traumas físicos e psicológicos. Nesses casos, as diversas e contínuas violências perpetradas pelos seus ex-parceiros íntimos, resultaram nas tentativas de assassinato. O crime sobre o qual relatam, decorre das relações de opressão, exploração e hierarquia que naturalizam o comportamento de dominação/exploração masculina e permitem o ataque às suas integridades físicas e mentais.

Através da realização desse estudo, buscamos garantir o maior conhecimento a respeito da realidade do fenômeno feminicídio (tentado e consumado) no estado do Piauí, por meio das narrativas das próprias mulheres que sobreviveram às suas tentativas. Acreditamos, na importância de escutar o lado das mulheres a respeito do que vivenciaram, como forma de garantir o protagonismo de suas próprias histórias.

Nos últimos anos, a problemática da violência contra as mulheres no Brasil deixou de ser um problema restrito ao espaço privado e passou a ser conhecido e debatido pelo Estado e pela sociedade geral, em especial, pelos movimentos de mulheres e legisladores. Apesar dos avanços no que tange às conquistas femininas

de direitos sociais, políticos e econômicos, a sociedade ainda permanece inserida num sistema patriarcal, com a predominância do domínio masculino em todos os espaços, reforçando que a origem da desigualdade e das violências praticadas contra as mulheres não ocorre por fatores naturais, e sim em razão dos papéis sociais historicamente outorgados à homens e mulheres.

Encontrar as mulheres piauienses sobreviventes do feminicídio, que estariam dispostas a falar sobre suas vivências e tudo relacionado às violências sofridas por elas, consistiu no principal desafio da investigação. As mulheres que sobrevivem, ficam com sequelas e traumas psicológicos, que em muitos casos, impedem de falar sobre o ocorrido. Por meio da utilização do método Narrativas de Vida, realizado através das entrevistas narrativas, as mulheres tiveram liberdade para contar suas histórias, do modo como se sentissem confortáveis. Essa conversa "informal" promoveu um maior vínculo entre participante e entrevistadora, onde foi possível captar suas percepções, sentimentos e experiências.

Tratou-se, assim, de um estudo inovador no âmbito regional acadêmico, que poderá ser instrumento para as/os profissionais que trabalham na saúde, nos serviços assistenciais, na justiça e demais serviços entenderem melhor a realidade das mulheres em situação de violência, bem como para os demais pesquisadores e estudantes com interesse a temática. Do mesmo modo, através da visibilização desse trabalho, pretendemos alcançar mulheres em situação de violência que poderão se identificar com as situações de violência descritas pelas participantes e quem sabe, conseguir romper com o ciclo da violência.

A execução de políticas públicas para mulheres deve ser prioridade do governo

brasileiro, através de um trabalho articulado que objetive garantir uma maior conscientização das pessoas em relação a pautas como gênero, patriarcado, interseccionalidade, violência contra as mulheres e feminicídio, como forma de ampliar o conhecimento e promover, a longo prazo, uma mudança estrutural na sociedade. É preciso romper com essa tradição e com a aparente convivência da população em relação aos crimes praticados por homens contra as mulheres no país.

Tendo em vista que a construção do conhecimento é constante e que ele não se esgota, esperamos que esse estudo possa servir de incentivo para que outras pesquisas a respeito da temática sejam feitas no Brasil, com o foco na visibilidade e na elaboração de estratégias que poderão subsidiar o debate em torno de políticas públicas de prevenção e reparação mais efetivas.

Referências

AGOSTINI, Maria *et al.* Representações sociais sobre relacionamento abusivo. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 20701-20721, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-627>. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/25423>. Acesso em: 30 out. 2022.

ALBERTIM, Renata; MARTINS Marcelo. Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relações tóxicas. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO – JOINVILLE – SC. INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO*, 41., 2018, Pernambuco. *Anais [...]*. Pernambuco: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2018.

AZEVEDO, Ana Karina Silva; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Não há você sem mim: histórias de mulheres sobreviventes de uma tentativa de homicídio. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 201-213, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2359-07692015000200004. Acesso em: 2 ago. 2022.

BANDEIRA, Lourdes. Violência, gênero e poder: múltiplas faces. *Mulheres e violências: interseccionalidades*, Brasília, DF:

- Technopolitik, p. 14–35, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Mulheres-e-viol%C3%A0ncias-interseccionalidades.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- BARRETO, Raquel Silva. Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. *Revista Gênero*, Niterói, v. 18, n. 2, p. 142 a 154, set. 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. Difusão Europeia do livro, 1967. v. 2.
- BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Natal: UFRN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Edição 2021. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v6-bx.pdf>. Acesso em: 20 de set. 2022.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Edição 2022. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://assets-dossies-1pg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2022/06/anurio-2022.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.
- GOMES, Rosilene Pimentel. “PARA CHEGAR AQUI ARRASTEI CORRENTES”: Análise da rota crítica de mulheres em situação de violência na cidade de São Paulo. Orientadora: Nívia Valença Barros. 2021. 156f. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.
- LORDE, Audre. “The Uses of Anger: Women Responding to Racism”. *BlackPast.org*, [s. l.], 1981. Disponível em: <https://www.blackpast.org/african-american-history/speeches-african-american-history/1981-audre-lorde-uses-anger-women-responding-racism/>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. Feminicídios: conceitos, tipos e cenários. *Ciência & Saúde Coletiva [online]*, [s. l.], v. 22, n. 9, p. 3077–3086, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413>. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/csc/a/SxDFyB4bPnxQGpJBnq93Lhn/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- MODELLI, Laís. Autonomia financeira como saída para a violência doméstica. *DW*, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/autonomia-financeira-como-saidapara-a-violencia-domestica/a-49021379>. Acesso em: 26 maio 2022.
- MULLER, Fernanda Grauden *et al.* O trabalho do psicólogo na mediação de conflitos familiares: reflexões com base na experiência do serviço de mediação familiar em Santa Catarina. *Aletheia*, Canoas, n. 26, p. 196–209, dez. 2007. ISSN 1413-0394. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942007000200016&script=sci_abstract. Acesso em: 12 set. 2022.
- PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa (org.). *Feminicídio: #InvisibilidadeMata*. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2017. Disponível em: http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2017/03/LivroFeminicidio_InvisibilidadeMata.pdf. Acesso em 20 maio 2022.
- REDE DE OBSERVATÓRIO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Piauí: mulheres esbarram em atendimento precário ao denunciar violência doméstica*. Piauí, 2022. Disponível em: <http://observatorioseguranca.com.br/piaui-violencia-mulher/>. Acesso em: 11 mar. 2022.
- REICHENHEIM, Michael Eduardo *et al.* Magnitude da violência entre parceiros íntimos no Brasil: retratos de 15 capitais e Distrito Federal. *Cadernos de Saúde Pública [online]*, [s. l.], n. 2, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000200020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/csp/a/NJDtv5CHbLsKF7cvnBsQt3f/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, [s. l.], n. 16, p. 115–136, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhkl#>. Acesso em 1 set. 2022.
- SCHRAIBER, Lilian *et al.* Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Revista de Saúde Pública [online]*, [s. l.], v. 41, n. 5, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102007000500014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/rsp/a/8G54ZFwvFgLQsQtmKtFvtYt/#>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- SILVA, Ranielle de Paula *et al.* Violência por parceiro íntimo na gestação: um enfoque sobre características do parceiro. *Ciência & Saúde Coletiva [online]*, [s. l.], v. 27, n. 05M, p. 1873–1882, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.06542021>. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/csc/a/9cnkvWyhzhr6dLTYVfzc4MJ/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SOUZA, Fernanda Kaliane Martins. Narrativas sobre relacionamentos abusivos e mudança de sensibilidades do que é violência. *Fespsp*, São Paulo, ago. 2017. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/seminarios/anaisVI/GT_13/Fernanda_Sousa_GT13.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.

TOSTA, Amanda de Sousa. *Entendendo os Relacionamentos Íntimos com Comportamento Abusivo por meio da Teoria do Apego*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2017.

VIEIRA, Leticia Becker *et al.* Abuso de álcool e drogas e violência contra as mulheres: denúncias de vividos. *Revista Brasileira de Enfermagem [online]*, [s. l.], v. 67, n. 3, p. 366-372, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20140048>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/nWWrNQSNdq7QcSQBTRnytrG/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 10 dez. 2022.